

**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA INTERCULTURAL**

ROMERO MOPIDAPENEN *PAITER SURUÍ*

OS RESGUARDOS TRADICIONAIS DO POVO *PAITER SURUÍ*

**Barra do Bugres
2016**

ROMERO MOPIDAPENEN PAITER SURUÍ

OS RESGUARDOS TRADICIONAIS DO POVO PAITER SURUÍ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est. Renê Barbours, como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Licenciatura em Pedagogia Intercultural.

Orientador: Prof. Dr. Neodir Paulo Travessini

**Barra do Bugres
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

P148r *PAITER SURUÍ*, Romero Mopidapenen.

Os resguardos tradicionais do Povo Paiter Suruí / Romero Mopidapenen *Paiter Suruí*. – Barra do Bugres, 2016. 28 f. ; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação Licenciatura em Pedagogia Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.

Orientador: Prof. Dr. Neodir Paulo Travessini.

1. Povo *Paiter Suruí*. 2. Prática Tradicional. 3. Resguardo Tradicional. I. Travessini, N. P., Dr. II. Paes, M. H R., Dra. III. Título.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

ROMERO MOPIDAPENEN PAITER SURUÍ

PI'Õ NHIMIROMHURI'ZÉ: AS ATIVIDADES DAS MULHERES A'UWE UPTABI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Pedagogia Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia Intercultural.

Barra do Bugres, 10 de novembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Neodir Paulo Travessini
Professor orientador

Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino
Professor Avaliador

Prof.^a Dr.^a Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira
Professora Avaliadora

Prof.^a ...
Coordenadora do Curso de Pedagogia Intercultural

**Barra do Bugres
2016**

DEDICATÓRIA

Dedico este meu simples trabalho aos meus heróis, guerreiros e líderes, que são os meus avós Oyaikõr Noah Suruí (em memória), Marimob Suruí (em memória), Sansão Pawahib Suruí, avô materno biológico (em memória), que com certeza, deixaram suas histórias de vida para seus filhos e netos, e principalmente, para o seu povo *Paiter Suruí*.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por sempre me guiar na minha caminhada. Meus agradecimentos ao meu pai, José Itabira Suruí, assim registrado no mundo não indígena, pois ele culturalmente foi batizado com vários nomes, *Gapoy*, *Maribanoh* e *Wawãiyamáköb*; à minha mãe, Sandra Itxayed Suruí, e à minha mãe biológica, Ilda Sogalab Suruí (em memória), que são as pessoas que tenho imensa admiração, amor e respeito, que sempre me motivam para estudar.

Às minhas mães que são primas e culturalmente casadas com seu tio, o meu pai.

Agradeço à minha esposa pela sua sensibilidade em compreender os meus trabalhos durante o curso. Meus agradecimentos aos meus três filhos que são o motivo dos meus esforços, apesar de minhas dificuldades, pois o meu pai sempre me aconselhou que um pai tem que ser “espelho” para seus filhos.

Agradeço aos meus irmãos. Agradeço aos meus tios, em especial, o Almir Suruí, que na medida do possível tem me apoiado e com sua luta em defesa da causa indígena tem me motivado.

Agradeço aos anciões que contribuíram muito para a efetivação deste trabalho. Agradeço a comunidade da aldeia Apoena Meirelles e a comunidade escolar local, que tiveram sensibilidade de fazer parte deste trabalho.

Agradeço ao professor indígena Miguel Suruí por ter me auxiliado na tradução em língua materna.

Meus agradecimentos ao meu orientador, professor Dr. Neodir Paulo Travessini, que com suas espetaculares experiências e seus conhecimentos, teve a paciência de me orientar no processo de desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço a UNEMAT (Universidade do Estado de Mato Grosso) e a equipe da Diretoria de Gestão de Educação Indígena - DGEI.

Agradeço a coordenadora do curso, a professora Dr.^a Maria Helena Rodrigues Paes (professora Ninha) e ao diretor da DGEI, professor Dr. Adailton Silva.

Agradeço à FUNAI (Fundação Nacional do Índio), pelo auxílio logístico que me proporcionou durante o curso.

RESUMO

O povo *Paiter Suruí* habita regiões do Estado de Mato Grosso e Rondônia. Antes de contato com a sociedade ocidental, a população *Paiter Suruí* era de mais de 5000 pessoas, entretanto, atualmente, é de aproximadamente 1450 (mil e quatrocentas e cinquenta). Mesmo com o contato com os não indígenas, o povo em questão ainda mantém muitos de seus traços da cultura tradicional. A presente pesquisa tem como objetivo contribuir com o fortalecimento do costume indígena dos *Paiter Suruí* em ficar de resguardo quando tiver ocasião que exija tal prática cultural. Em conformidade com a cultura *Paiter Suruí* a prática de resguardo exige que a pessoa fique em reclusão para prevenir males que venham possivelmente afetar sua saúde, tais como verrugas, aparecimento de barriga d'água e de doenças como diarreias, fortes dores no peito. No estágio atual, marcado pelo convívio mais intenso com a sociedade não indígena, os *Paiter Suruí* têm se desligado um pouco de exercitar o resguardo tradicional, o que provavelmente tem causado as repetidas reclamações de doenças por parte das pessoas que não têm feito o resguardo tradicional. Na condição de profundos conhecedores do assunto em questão, foram entrevistados anciões *Paiter Suruí* da aldeia Apoena Meirelles, que não mediram esforços para relatar sobre os modos de resguardos do povo *Paiter Suruí*. Ao desenvolver a pesquisa em tela, pretende-se suscitar debates, discussões e reflexões para que haja um maior respeito em relação à forma tradicional de prevenir e curar doenças conhecidas pelos *Paiter Suruí*.

Palavras-chave: *Paiter Suruí*. Prática tradicional. Resguardo tradicional.

RESUMO EM LÍNGUA MATERNA

MEREMÃH ME SAMÉH PÉKUHB

Paiterey xadanã Mato grosso, Rondônia ekaráh ka aweitxáh anã ni e. Até ter aladéh yára ey ewentigah ewe ama ká toy peredenã kaytxer iter mã e, xinko mil toykatxere peredenã e. Ayab mi toyxadanã muyakabub anã e, myl kuationto xento e xikuenta. Ete ta sadenã ateté amasóe itxa aweikay enã ni e, ãna bo oyáh mater oweitxa tar poh yede saméh itxa enã nin e. Eé bo ãn peskixa sadenã kanã oga tamã sóeh kobáb meb yã mã yede saméh nã takábih enãn e. Ete akapeáb e, sadenã iwe maguy yede xiter enãn toykabi enãn nin e, awemãgah palóh sadenãn guyatér ewe saméh de te enãn e. Ete, yárah pasapér toyxábah toyxadenãn ónen gúya iwe nãn enãn nin e, ayabe sadenãn xameomi mãname bítxuga toyka ãkala mim enãn e, onen mater toyperedé enãn enér. Eé bo ãh meremã danã toyakobáyey je iwe mãm éwe p rebikár àwe tigáh anãn e, onen tajena ahxõ te enãn iwe mãm enãn e. Ete ã peskixa p rebikár toyxadenãn kanãn tóyaga toyperebe kabi toypenen iwe maga mãm yede saméh nan toykabi enãn e.

MEREMÃH ME SÁGA: *Paiterey. Toyeytxayele saméh. Akapeábe saméh.*

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 - A condição de contato do não índio com os *Paiter Suruí* 16
- Figura 2 - Terra Indígena Sete de Setembro do Povo Indígena *Paiter Suruí*..... 19

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I - O POVO INDÍGENA PAITER SURUÍ	13
1.1 <i>Paiterey pineh saméh</i> – Mito de Origem em Língua Materna.....	13
1.2 Mito de Origem em Língua Portuguesa.....	14
1.3 A condição atual do povo Paiter Surui.....	16
1.4 Caracterização do povo <i>Paiter Suruí</i>	19
CAPÍTULO II - OS PAITER SURUÍ E A EDUCAÇÃO	22
2.1 Histórico do surgimento da Aldeia Apoena Meirelles.....	22
2.2 A presença da escola entre os <i>Paiter Suruí</i>	22
CAPÍTULO III – O RESGUARDO PAITER SURUÍ	24
3.1 Significado prático do resguardo	24
3.2 Resguardo da menina na primeira menstruação	24
3.3 Resguardo motivado pelo nascimento de filho	25
3.4 Resguardo pelo acontecimento do falecimento de filho	26
3.5 Resguardo motivado pela decorrência de doença ou de acidente grave.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	28
CONSULTORES NATIVOS	28

INTRODUÇÃO

As tradições culturais do povo *Paiter Suruí* são partes fundamentais que caracterizam este como um povo indígena, pois são particularidades que têm seus próprios valores e sentidos para organizar a maneira de viver de quem as praticam, o que é o caso do povo *Paiter Suruí*.

Os resguardos praticados pelos indígenas da etnia *Paiter Suruí* são atos que no decorrer da trajetória de suas vidas, têm dado certo, visto que nenhum mais velho nem sequer apresentou reclamação de que não trouxe efeito nenhum. Muito pelo contrário, os anciãos têm defendido a tese que a prática de resguardo é um ato que só beneficia a pessoa contra os males que podem surgir mediante a não observância de tal prática.

As decorrências ocasionadas pelo desrespeito ao resguardo são severamente rígidas, que são diarreia frequente, desnutrição, alteração exagerada do tamanho da barriga, aparecimento de verrugas, e outras. A criança com implicação de diarreia, até falece, pois ela se enfraquece e emagrece muito, devido a não ter vontade de se alimentar.

Os anciãos na condição de defensores intransigentes da prática do resguardo reconhecem que os regimes adotados são atormentadores, mas advertem que tal prática se faz necessária para efetivar o bom resultado do resguardo.

Após o contato com a sociedade não indígena, as práticas integrais de resguardos pelos indígenas *Paiter Suruí* se minimizaram, pois visualizando outro meio social totalmente diferente, os mesmos perdem cada vez mais a sua crença em relação a tal prática. A introdução de doutrinas de religião ministradas pelos missionários não indígenas, também contribuiu para que houvesse a perda da prática do resguardo.

Na minha avaliação, um dos fatores que tem desmotivado a juventude *Paiter Suruí* a ficar de resguardo foi o ensino de ciências nas escolas indígenas e não indígenas que trata de modo dicotômico o corpo humano e suas respectivas partes.

Assim, é importante esboçar de maneira formal, este tema, pois a prática tradicional de resguardo, além de ser totalmente natural, é um costume que ao ser praticado corretamente, dá resultado para a pessoa e não pode ser substituída inadvertidamente por algo alheio a nossa tradição milenar como a utilização de medicamentos produzidos em laboratórios. Quando me refiro ao termo tradição milenar, pretendo afirmar que atualmente, quando um indígena sofre de uma diarreia, possivelmente vai tomar um medicamento não indígena; mas para não ter a diarreia, poderia ter se prevenido realizando a prática de resguardo, quando a ocasião assim o requer.

É preciso discutir e aprofundar o tema resguardos tradicionais dos *Paiter Suruí* no estabelecimento de ensino indígena, pois só assim, nossas crianças e jovens saberão valorizar e respeitar o costume próprio de se prevenir de doenças rotineiras, que são físicas ou espirituais.

O presente trabalho se justifica mediante a necessidade do fortalecimento do costume próprio do povo *Paiter Suruí* em ficar de resguardo nos eventos específicos. Tais eventos podemos destacar aqui:

1. Primeira menstruação da menina;
2. Nos primeiros meses de nascimento de um bebê;
3. Quando motivado pela decorrência de doença ou de acidente grave (quando quase morrer um membro de uma família);
4. Falecimento de filho.

Essa prática de resguardo é apropriada para a prevenção de doenças, que podem até chegar a matar a pessoa e assim se faz necessário adotar atitudes de cautela em relação às alterações indesejáveis no corpo, além de resultar na fortificação da saúde espiritual. As doenças mais comuns quando a pessoa não observa o resguardo são diarreia, “barriga d’água”, e dores rotineiras no peito. A prática incondicional do resguardo dificulta a contração de enfermidades e alterações corporais.

Para obter as informações referentes aos resguardos tradicionais *Paiter Suruí*, foram realizadas entrevistas com os anciões, José Itabira Suruí, Sandra Itxayed Suruí, Weitã Suruí; Nema Suruí. Justifica-se a opção pelos referidos anciãos dada a experiência de vida e o conhecimento acumulado ao longo da vida relativo às práticas culturais tradicionais. Tal opção se justifica ainda em função de que são pessoas sempre dispostas a repassar às crianças e aos jovens os valores inerentes aos usos e costumes dos *Paiter Suruí*. Portanto, as suas contribuições se revelaram de fundamental importância para efetivação do presente trabalho.

Foram feitos registros fotográficos com a finalidade de apresentar o presente documento com mais facilidade e mostrar a real prática do resguardo *Paiter Suruí* a toda a comunidade indígena da aldeia Apoena Meirelles.

Foram feitas anotações durante as discussões com a comunidade e também durante as entrevistas com os anciãos.

Quando necessário, foi realizada pesquisa na internet para aperfeiçoar o trabalho.

O objetivo geral da pesquisa consistiu em fortalecer as práticas de resguardo tradicionais que contribuirão para a prevenção e cura de enfermidades conhecidas já antes do contato com

a sociedade não indígena, que conseqüentemente, garantirá a preservação da cultura do povo indígena *Paiter Suruí*.

Foram estabelecidos como objetivos específicos, valorizar os anciãos *Paiter Suruí* como sujeitos importantes no meio social do nosso povo, pois são sabedores de conhecimentos tradicionais e subsidiar a unidade escolar indígena para estabelecer documentos regimentais que venham a contribuir com a implementação da desejada educação escolar indígena, abordando a questão do resguardo entre os *Paiter Suruí* como uma prática necessária para manter firme a nossa marca identitária ameríndia.

CAPÍTULO I - O POVO INDÍGENA PAÍTER SURUÍ

1.1 *Paiterey pineh saméh* – Mito de Origem em Língua Materna

Āna soe denan mager ter apin ma e. Mager ter gōy jena awemaki бага ter soe amaká ena ma e. Baga ter soe alaire dena apin anō mosín esaboa sade asaranen gōy píh eweperemim ena e. Ayabey itxa Palob dena apíhn talakaráh ena e. Ete mekoey jena бага ter soey alair de apíhn eey orpah e na e. Eebo tajena Paíter a aladeéh ey kār esad aki aybi ka ená tar e. Ayab eka Palob denáh dena xameomi apereih ena iweká enáh tar e. Ayab nigah dena patxaub esadeh or mereor in awera ewe ikin ena e, ayab gah dena one eláka owapagey kār aā teih dena ikay e. Owapagey kār aād gāne laba te elína ewerkar poh de ikay. Eebo dena xameomi garaub, бага ā petxab bosah ani poh yedey eta enáh ikay e. Bagah xipora ka ,yapépo ka, xíyā ka, bagah pikōy sameab pinād ena e. Ayab mi dena, yeda egamāh mayā de ikay e. Eebo dena no amiakíh ixáah esabatígah ena xibeb nān e. Ayab deka ena yeda onéma anih yab niga asárihn ena meeeh aká ena e. Eebo Palob dena iweká ená one anar elināh iwenā ani íh dena ikay e. Ayab nigah te itxiab dehor enāh mereorin awer enāh tar e, eebo palob denāh eewe peremim tenāh ikay e. Bagah denāh iwarapíh moratapóh mim, bagah petxab gah ena e. Eewe mim te denāh ixáah esabatígah xibeb nān no iby ka ena e. Eebo denāh ixáah iwar asabatem ena e, ayab eka Palob dena iwenāh anar elināniúh dena ikay e. Eebo Palob denāh iwarmām adxé makáh enāh mekoey kabi ena e. Ayab goy tadxenāh pigah adxe ká iwah wer kar enāh e. Ayabey jenáh xameomi petxabe ikim enāh e. Eebo denāh owah te bo meey xiāh de takay e, ayab dena xameomi telah petxáb poh tajena ikay e. Eebo tajena xiin esirigáh enān labenh koy ena e. Ete palob dena gabmora maka tedá ye egabi aye poh de itxiab ka e. Ete yakadéh aáhta etigah gabmora dehor awewā aor e. Eebo denan tapereonlar enan parasóg ākoy bo Paiterey kār sapóh yab goy enan ta kab, ta kab taipoh pirin enan akáh tápih enan e. Ayab denan yara kār aā xameomi enan Paíter pih enan e, enan te maey kār epih anan māgah enan e. Ayab deka enan Palob gabi gār itxa aká enan e, ebo denan eémim maité Paíter apinh enan e. Eenan maey jena Paiterey nan apính enan e.

1.2 Mito de Origem em Língua Portuguesa

A narrativa do mito de origem do povo indígena *Paiter Suruí* foi feita pelo líder indígena Itabira Suruí e pelas anciãs Sandra Itxayed Suruí e Weitã Suruí.

No início, surgiu do nada umas porções de terra, e nela, os primeiros seres nasceram de si próprios, ou então, brotaram como vegetal brota da terra, entre eles o *Palob* (nosso pai), o mais forte. São os donos do dia, os que dominam e controlam processos, pois foram dotados de poderes especiais.

Mekoey (as onças) tinham comido esses seres que tinham surgido da terra sob a ordem do *Palob*, e após devorá-los, levaram para sua localidade todos os ossos e pendurando-os no alto dentro da maloca, e bem perto da sua rede, os ossos das pessoas que eram do clã *Gameb*.

Algum tempo depois, *Palob* ficou tão triste e começou a pensar em uma estratégia para recuperar os ossos dos seus filhos. Vinha em sua direção, *Patxaub*, o veado mateiro, chegando e cantando com uma flauta para avisar que estava se aproximando.

Palob perguntou:

- Quem está tocando a flauta? Pois preciso de alguém para buscar os ossos dos meus filhos na maloca dos *Mekoey*!

Patxaub respondeu:

- Sou eu!

Palob disse:

- Fico feliz com a sua chegada! Você poderia recuperar os ossos dos meus filhos?

E o *Patxaub* respondeu:

- Posso sim!

Palob passara no corpo todo do *Patxaub*, até nos olhos e partes íntimas, extratos bem amargos de vários cipós e cascas de árvores. Os cipós eram *moratapo* e *napokabemi*, e as cascas foram tiradas das árvores *garaiub* e *nãbeab*.

Depois de passar extratos no corpo do *Patxaub*, *Palob* o testou, pedindo que ele corresse morro abaixo e por trás jogou uma pedra grande. *Patxaub* desviou-se da trajetória da pedra para não ser atingido. Porém ele demonstrou excessivo cansaço e uma dificuldade extrema em realizar a corrida!

Palob desaprovou a missão!

Nisso estava chegando *Itxiab*, o veado galheiro, também tocando sua flautinha.

Palob falou:

- Vá você buscar os ossos dos meus filhos, mas primeiro vou testá-lo.

Pedi que ele corresse morro abaixo e jogou a pedra grande atrás dele. Ainda que a pedra o seguisse voando, *Itxiab* continuava correndo com uma velocidade espantosa! Até que a pedra parou atrás de *Itxiab*.

Palob disse:

- Então é você que tem a capacidade de buscar os ossos dos meus filhos!

Passou extratos muito amargos no corpo inteirinho do *Itxiab*. O mesmo se direcionou rumo à aldeia dos *Mekoey*. Quando chegou à casa dos *Mekoey*, cumprimentou-os. Imediatamente os mesmos falaram ao *Itxiab*:

- Nós vamos comer você, amigo!

E *Itxiab* respondeu:

- Podem me comer, mas a minha carne não é boa para ser consumida.

Mekoey eram muitos e o cercavam rugindo.

Itxiab, mais uma vez exclamou, mesmo tremendo de medo:

- É melhor me lambar primeiro para experimentar, pois a minha carne não é boa.

Assim os *Mekoey* o lambaram, e perguntaram:

- Por que você tem carne tão ruim, amigo?

E ele respondeu:

- Já falei que sou muito amargo, que minha carne não presta para ser consumida!

- Então, vamos comer só os seus olhos! Falaram os *Mekoey*.

- Pode ser, mas são pior ainda os meus olhos! Respondeu *Itxiab*.

- Porém, mesmo assim vamos comer! Os *Mekoey* lambiam os beiços.

- Experimentem primeiro! Apavorado, respondeu *Itxiab*.

- Como você é ruim, amigo! Quando o lambaram, exclamaram os *Mekoey*.

- Já tinha falado, mas vocês não acreditaram. Disse *Itxiab*.

E fez a mesma coisa com a bunda do *Itxiab*, mas também estava amarga.

Desistindo de devorá-lo, os *Mekoey* penduraram uma rede no fundo da maloca e convidaram *Itxiab* para deitar com eles. *Itxiab* tinha medo. E lembrou que *Palob* lhe tinha dito que ia mandar *Gabmora* (abelha) cortar os fios onde estavam pendurados os ossos. *Itxiab* deveria ficar atento: quando a *Gabmora* aparecesse zumbindo no seu ouvido, estaria dando o sinal de já ter rompido os fios, e ele poderia fugir levando consigo os ossos.

Itxiab esperava ansioso, ouvindo ruídos. Mexia-se devagar e balançava na rede, tentando levantar disfarçadamente, porém cada vez que levantava um pouquinho, um *Mekoey* também levantava.

- Quando vai chegar a *Gabmora*? – pensava angustiado. De repente, ouviu um zumbido e era mesmo *Gabmora*.

Itxiab pulou por cima dos *Mekoey* e voou para longe. Corria ao longo do fio comprido, no caminho da maloca das onças ao rio. Ia arrancando os ossos e levando consigo. Pegou muitos ossos dos *Kabaney* e dos *Gabgirey*. Pegou um pouco menos, dos *Gamebey* e *Makorey*. Pegou muitos ossos dos *Yaraey* (não indígenas) e de outros povos.

Corria levando os ossos, que faziam muito barulho, batendo uns contra os outros.

Enraivecidas as onças corriam atrás do veado, para tentar capturá-lo.

Itxiab correu tanto que até cansou muito. Nisso, apareceu um bando de *Tamariey* (jacamins) e fizeram cocô em cima dos *Mekoey*. Assim, foram obrigados a ir mais devagar para se esconderem da sujeira dos *Tamariey*, e pararam de correr. *Itxiab* escapou.

Itxiab chegou até a maloca do *Palob* trazendo consigo os ossos. E entregou a ele. *Palob* pegou os ossos e soprou, com fumaça de tabaco. Cada osso que soprava virava uma pessoa. Primeiro nos fez nascer de novo. Depois fez nascerem os outros povos indígenas. E por último, os não indígenas.

Assim é que *Palob* nos fez reaparecer, nascer outra vez.

Reaparecer significa, que pessoas dotadas de poderes tinham sido extintas pelas onças, novamente, surgem quando o *Palob* através de fumaça do seu fumo faz com seus ossos resgatados pelo servo valente *Itxiab*, virem pessoas.

1.3 A condição atual do povo Paiter Suruí

Figura 1 - A condição de contato do não índio com os Paiter Suruí



Fonte: http://img.socioambiental.org/d/225931-1/paiter_5.jpg acessado 01.02.2016

A população indígena *Paiter Suruí*, atualmente, é de aproximadamente 1450 (mil e quatrocentas e cinquenta) pessoas. Antes do contato com a sociedade não indígena, se estimava quase 5.000 (cinco mil) pessoas. Eles se autodenominam *Paiter* – que quer dizer “povo de verdade”. Muito antes do contato oficial os *Paiter* tinham encontros esporádicos, alguns acirrados, com outros povos indígenas, com seringueiros e os trabalhadores da linha telegráfica coordenada pelo Marechal Rondon nas primeiras décadas do século XX.

É importante destacar que antes do contato o povo indígena *Paiter Suruí*, se autodenominava somente de *Paiter* ou *Paiterey*. E após o contato, os servidores da FUNAI, pensaram que outra etnia denominada *Zoró*, nos chamavam de *Suruí*, mas na verdade de *yori-eway-ey*, que quer dizer aqueles que têm os rostos pintados.

Segundo os anciãos *Paiter* que vivenciaram esses processos, várias sociedades diferentes lhes cercavam, e muitas vezes, provocaram a sua quase extinção. No entorno, os *Paiter* agiam com ataques movidos pela convicção de manter a resistência e permanência do povo naquele lugar e os *Paiter* agiam com ataques movidos pela convicção de manter a resistência e permanência do seu povo. E nesses tempos, havia abertura de estrada nunca antes vistas pelos *Paiter* e com elas vinham instalações de linhas de energia nos postes, onde alguns *Suruí* se arriscavam em se atrever para tirar partes daqueles materiais para sua utilidade, pois muitas vezes, improvisava-as como utensílios que cortam algumas matérias, como por exemplo, tucumã.

Alguns anciões, contam que os *Paiter* não tiveram contato direto com o Marechal Rondon, mas, argumentam que tiveram conflitos tímidos com os seus trabalhadores, quando percebiam que estavam sendo expulsos de seu território. Em relação aos seringueiros, alguns que vivenciaram na época de primeiros contatos contam que estranhavam a sua prática de extração de látex da seringa. Estes extrativistas tiveram conflitos com o povo *Paiter*; os indígenas atuavam pelas suas resistências e proteção de seu território; e os seringueiros pela ocupação do território tendo como atividade principal extração de látex.

O contato oficial com a sociedade não indígena aconteceu no dia 07 de setembro de 1969, especificamente com a equipe da Fundação Nacional do Índio - FUNAI chefiada pelos Sertanistas Francisco Meirelles e Apoena Meirelles. Os *Paiter Suruí* dizem que essa equipe, inicialmente penduravam os objetos, tais como, faca, facão, espelho, panela, tesoura, e outros nos lugares percebidos com rastro de pessoas. Assim, os indígenas em questão, viam os materiais pendurados e pegava-os. Mais ou menos, dois ou três vezes fazendo o mesmo ato, os chefes da equipe da FUNAI, aparecem do seu esconderijo e de longe chama-os em voz alta, e ao mesmo tempo se aproximando, os indígenas agem tentando atacar com as suas armas, arcos

e flechas, no entanto, os não indígenas não reagiam, mas só corriam quando percebiam o ataque. Até que no dia posterior (07/09/1969), a equipe da FUNAI fez a mesma ação, e se aproximando cada vez mais, e os indígenas não agiam só esperando aquelas pessoas. Quando chegou o chefe da equipe tocou na mão do indígena Paiter. Assim os que acompanhavam ambas as partes também se aproximavam e se entrosaram mesmo não entendendo o que o outro falava.

A convivência com as pessoas não indígenas desencadeou o processo de aparecimento de várias doenças no meio do povo *Paiter Suruí*, dentre elas o sarampo. Nos anos seguintes, por causa dessas doenças muitos indígenas morreram, chegaram a 600 (seiscentas) pessoas. Em 1978, a população Paiter chegou até 280 (duzentas e oitenta) pessoas.

Os indígenas *Paiter Suruí* que conviveram se depararam com uma situação de extrema enfermidade e de falecimentos provocados pelas doenças vindas junto com o contato, relatam que as pessoas adoentadas não resistiam quando afetadas e aproximadamente uns dois dias chegavam à falecer. A epidemia afetou a maioria da população indígena Paiter, que quase resultou a extinção do povo. Descrevem que a família afetada em sua maioria, até não tinha disposição de fazer velório de seu integrante.

E com esses problemas, os indígenas *Suruí Paiter* ainda enfrentavam a invasão do seu território pelos saqueadores que vinham de todas as partes do Brasil, inclusive das regiões sul e sudeste, devido ao incentivo do governo brasileiro para ocupar as terras do norte do país.

Com o falecimento de seus líderes tradicionais causados pelas situações negativas surgidas com o contato, alguns jovens *Paiter Suruí*, liderados pelo Itabira Suruí, filho do líder tradicional do clã Kaban Noah, começaram a lutar pela demarcação da sua Terra e brigar pela retirada dos invasores. No início da invasão dos não indígenas, os Suruí confrontaram os invasores com várias guerras, mas isso não impedia a tomada das suas terras. Relatam que atacavam os que mais se aproximavam de seu território, e estes também reagiam. E quando perceberam que os mesmos não recuavam e cada vez mais crescendo o desmatamento da floresta. Os líderes viam que não podiam resolver com ataques, mas buscar soluções junto com autoridades da Funai para demarcar o seu território. O líder Itabira lembra que na sua primeira viagem a Brasília junto com o sertanista Apoena Meirelles, foi para falar com presidente da Funai (nome não recordado por ele) para pedir a ele que providenciasse a demarcação da terra, onde o mesmo procedera em realizar reunião com vários representantes institucionais (INCRA, e outros). O mesmo relata ainda que não tinha domínio em língua portuguesa, mas tinha noção de o que não indígena falava.

Em 1976, aconteceu a demarcação do território Suruí, e a posse permanente foi declarada pela portaria 1561 de 29.09.1983, tendo sido homologada pelo decreto nº 88867 de

17.10.1983, pelo presidente da República João Batista de Oliveira Figueiredo. A referida terra foi denominada Terra Indígena Sete de Setembro, em referência a data do contato oficial dos *Paíter Suruí* com a FUNAI. A mesma tem uma extensão de aproximadamente 249 mil hectares de área, abrangendo o Noroeste de Mato Grosso e Centro-Leste de Rondônia. Atualmente, existem 25 aldeias *Paíter Suruí*, sendo que 04 (quatro) aldeias pertencem ao estado do Mato Grosso (município de Rondolândia) e 21 (vinte e uma) aldeias se localizam em terras rondonienses (municípios de Cacoal, Espigão do Oeste e Ministro Andreazza).

Figura 2 Terra Indígena Sete de Setembro do Povo Indígena *Paíter Suruí*



Fonte: <http://n.i.uol.com.br/noticia/2011/09/14/>, acesso em 01.02.2016.

1.4 Caracterização do povo *Paíter Suruí*

Para sua sobrevivência, caçam alguns animais silvestres, fazem a pescaria, além de confeccionar artesanatos para uso e para vender fora da aldeia, ou seja, na cidade, como uma forma de gerar renda.

Atualmente, a minoria dos indígenas *Paiter Suruí* é assalariada, sendo funcionários de governos municipais, estaduais, federal, na condição de professor, serviços gerais, agente de saúde, agente de saneamento, entre outros.

Outrossim, o povo indígena *Paiter Suruí* mantém a sua agricultura tradicional, como produção de cará, mandioca, milho, inhame, cará roxo, batata doce, amendoim. Além de praticar produções de agricultura que venho com sociedade não indígena, tais são os mais produzidos, café, banana e cacau, como destacado anteriormente, são cultivados com finalidade de ser forma de gerar renda básica e sustentabilidade social.

Igualmente, a maioria da população *Paiter Suruí* fazem a coleta de castanha do Brasil, tal atividade extrativista é para assegurar sustentabilidade social, econômica e ambiental da terra indígena, onde pertence o povo em questão.

Algumas mudanças no modo de vida *Paiter Suruí*, segundo os relatos de anciões, se devem à convivência dos mesmos com sociedade não indígena, quando veem coisas novas, almejam em tê-las e para adquiri-las é necessário ter recursos financeiros. Isso contribuiu muito, nas mudanças que vem sofrendo ao longo da história após o contato, bem como, a influência de certas pessoas de fora, onde essas incentivam os indígenas de que para ter “riquezas” é necessário aproveitar e explorar a terra.

Os *Paiter Suruí* falam a língua do tronco Tupi da família Mondé. Apesar de sofrer vários impactos no decorrer de sua história, mantém forte a influência da sua língua materna.

Sua organização social é baseada em clãs, que são a base do sistema de parentesco e matrimônio. Os clãs são *Gamebey* (significa maribondos pretos), *Gabgirey* (significa maribondos amarelos), *Makorey* (significa tabocas, uma espécie de bambu amazônico), e *Kabaney* (quer dizer as mirindibas, que é um tipo de árvore da região).

Sua organização social naturalmente se fundamenta no costume social de relação matrimonial clânica, onde o casamento é permitido somente com membros de outro clã. São poligâmicos, sendo que na maioria das vezes, os líderes casam com mais de uma mulher. Mantêm como regra preferencial o casamento avuncular (casar com o tio materno).

Os *Paiter Suruí* são descritos como patrilineares, e seu sistema baseado em clãs é o que define a organicidade e os aspectos políticos desse povo, e os fortalece socialmente em caráter de união e respeito.

A união e respeito entre os clãs supramencionados, especialmente, são demonstrados através de realizações de cerimônias tradicionais, como, *mapimain*, *somaga*, *soeyaten*, e outros, pois nessas ocasiões entrelaçam a sua harmônica relação.

Para subsidiar as informações constantes acima, foram entrevistados os anciões Itabira Suruí, Sandra Suruí, Weitã Suruí, Nema Suruí.

CAPÍTULO II - OS PAITER SURUÍ E A EDUCAÇÃO

2.1 Histórico do surgimento da Aldeia Apoena Meirelles

A Aldeia Apoena Meirelles é uma das aldeias do povo *Paiter Suruí*, se localiza na Terra Indígena Sete de Setembro, município de Rondolândia – MT, e tem a população de aproximadamente 70 pessoas.

Sua inauguração aconteceu no início do ano de 2004, pela família do líder tradicional do povo *Paiter Suruí*, Itabira Suruí. A mudança dos indígenas para aquela localidade se deve em grande parte, para proteger o território indígena dos invasores e ou exploradores clandestinos não indígenas que se apresentavam naquele lugar, bem como, ocupar as terras com finalidade de sobreviver dos recursos da floresta e de manter a sua cultura, visto que a população do povo está cada vez mais aumentando, assim a distribuição de população facilita o uso responsável de riquezas naturais presentes na terra indígena.

Naquela época, especificamente na metade do ano de 2003, atendendo ao pedido do líder Itabira Suruí e sua comunidade, o sertanista José Apoena Soares Meireles ou simplesmente, Apoena Meireles, como era conhecido, na condição do representante da FUNAI (Fundação Nacional do Índio) intermediou a ajuda da instituição para com a comunidade, viabilizando meios para construções de moradias para as famílias indígenas. Nesse mesmo ano, o servidor da FUNAI acima mencionado foi assassinado na cidade de Porto Velho – RO, onde as autoridades investigativas concluíram que foi latrocínio.

Portanto, a comunidade indígena em homenagem ao sertanista José Apoena Soares Meireles nomeou a aldeia com seu nome.

Atualmente, encontram-se na aldeia Apoena Meirelles 17 (dezessete) famílias indígenas *Paiter Suruí*, sendo a maioria do clã *Kaban*, em seguida, vem a do clã *Gameb*.

2.2 A presença da escola entre os *Paiter Suruí*

O povo *Paiter Suruí* possui em seu território 02 (duas) escolas com mesmo nome “Apoena Meirelles”, sendo que 01 (uma) é subordinada ao município de Rondolândia, e a outra se subordina ao estado do Mato Grosso. Ao todo os referidos estabelecimentos de ensino

apresentam aproximadamente 57 alunos. São ofertadas nas citadas escolas turmas de educação infantil ao ensino médio.

A Escola municipal Indígena Sertanista Apoena Meirelles, se criou no ano de 2005, sendo que nos dois primeiros anos foi anexa da escola não indígena Cora Coralina que se encontra na zona rural da linha 4. E posteriormente, foi reconhecido e ou registrado como estabelecimento de ensino no ano de 2007. Oferta educação infantil até 5º ano do ensino fundamental. Tem 05 professores indígenas, 02 gestores (diretor e secretário) e 02 zeladoras. Tendo aproximadamente 35 alunos.

A Escola Estadual Indígena Sertanista Apoena Meirelles, se criou no ano de 2009, seu funcionamento é na mesma estrutura da escola municipal acima referido, ou seja, o estado não construiu até agora, a própria estrutura física da escola. Oferta desde 6º ano do ensino fundamental até 3º ano do ensino médio, e Educação de Jovens e Adultos (EJA). O referido estabelecimento de ensino tem 01 gestor (diretora), 05 professores, e 01 merendeira. Tendo no total de 22 discentes.

As escolas da aldeia oportunizam uma abordagem do processo ensino/aprendizagem com em uma metodologia de ensino enraizada na realidade local, além de proporcionar os conhecimentos científicos próprios da abordagem judaico cristão ocidental aos seus alunos. Como exemplo, pode-se mencionar a inclusão de roçado tradicional como atividade de ensino presente no calendário escolar.

As escolas não apresentam no momento atual projetos que valorizam e incentivam os resguardos tradicionais. Mas dialogando tanto com professores, coordenadores e diretores, pude perceber uma preocupação no sentido de respeitar os resguardos dos seus alunos quando nas ocasiões em que alguns deles se resguardam.

CAPÍTULO III – O RESGUARDO *PAITER SURUÍ*

3.1 Significado prático do resguardo

Em tempos pretéritos os *Paiter Suruí* praticavam esse costume em função de que depositavam uma crença absoluta em nos efeitos preventivos do mesmo.

Após o contato com a sociedade não indígena, a prática integral de resguardos pelos indígenas *Paiter Suruí* foi minimizada, pois visualizando outro meio social totalmente diferente, fomos perdendo cada vez mais a crença de ficar em reclusão. A introdução de doutrinas de religião ministrada pelos missionários não indígenas, também contribuiu para que houvesse a perda da prática de reclusão.

O que tem desmotivado à juventude *Paiter Suruí* a ficar de resguardo foi o ensino de ciências que trata o corpo humano e suas respectivas partes nas escolas não indígenas e indígenas. Por exemplo, esse ensino aborda diferentemente do que é repassado sobre a diarreia no momento de resguardo, esse mesmo assunto, é advertido que é causado pela má alimentação, local sujo e assim sucessivamente.

Os resguardos são motivados pelo nascimento de filho, pelo falecimento de filho, pela primeira menstruação, e por sofrer de doença muito maligna e ou acidente grave. No período de resguardo, a pessoa fica de regime alimentar, mas cada um tem suas orientações, uns são mais rígidos, enquanto, outros são um pouco moderados, e assim sucessivamente.

As regras existentes no contexto de Resguardo são processos contribuintes para manutenção da saúde física e espiritual de uma pessoa que está em reclusão.

3.2 Resguardo da menina na primeira menstruação

A menina *Paiter Suruí* fica de resguardo na sua primeira menstruação, estando de reclusão em recinto isolado nos períodos de 06 meses a 01 ano. Quando a menina se menstrua os pais já a levam para o local escolhido e a pintam de tinta de urucum, começando assim todo o processo ritualístico de resguardo. Nos primeiros três dias, não se alimenta e somente toma água quente; obedece à rígida regra de deitar na rede na posição ereta e sem se mexer; sentar na esteira na posição linear, não se movimentar, a não ser para se banhar de água quente. No segundo dia de reclusão, os pais buscam a seringa na floresta e a misturam com a *makaloba* (bebida feita de milho torrado), assim a menina toma até vomitar bastante. Em seguida faz com

que ela se sente em cima da pedra grande para tomar banho de água quente. Banha em cima da pedra uns dias até clarear a pele. A cada hora e meia, a menina banha de água quente. Passados os dias de dieta alimentar, a menina começa tomar *makaloba* (bebida feita de milho moído) e água quente.

Depois de uns três meses, ela começa a comer cará cozida quente. Mais ou menos uns nove meses de reclusão, inicia a comer peixe, mas durante o resguardo não pode se alimentar da carne de caça. Para sua saída da reclusão, os pais e o noivo fazem a preparação, ou seja, enquanto os pais preparam os adornos corporais da mesma, noivo faz a sua pintura corporal. E realizam o casamento da menina já na sua saída.

Se não seguir todas as regras de resguardo, a menina em toda sua estadia fica sentindo dor em todo o seu corpo e a desnutrição a ataca facilmente. Quando não beber água quente durante a reclusão, aparece a barriga exageradamente e sofre de “gás no estômago”. O desempenho de resguardo proporciona à pessoa que o pratica a renovação do seu corpo e seu espírito. Pois realizando toda a concentração para tal ato, sem se preocupar com outras situações, a mesma recompõe toda a “energia ” física e espiritual.

3.3 Resguardo motivado pelo nascimento de filho

Os pais da criança recém-nascida ficam de resguardo quando a ganham no período de 06 meses ou de 01 ano. Tomam banho de água quente, quase toda hora. Importante destacar que eles ficam de reclusão separadamente. O homem fica em um recinto e a mulher com seu filho recém-nascido fica em outro recinto. Durante o período de reclusão eles não se veem. No início da reclusão, alimentam-se somente de *makaloba* e água quente. Quando passam uns três meses, começam a tomar chicha (bebida tradicional). O pai pode sair da reclusão antes da mãe e ter alguns cuidados, como por exemplo, não pode matar o macaco prego, macaco barrigudo e porco do mato.

Quando não segue todo o procedimento de resguardo, a pessoa em todo momento sofre de forte diarreia. Ao comer peixe e o porco do mato durante o referido ato, a pessoa sente intensa dor no peito. Quando uns dos pais comer peixe, a criança é acometida pela diarreia. Assim também se um dos pais comer carne de porco, a criança sofre de instabilidade física. Se o pai matar macaco prego, a criança sofre de dor na garganta e o seu pescoço fica torto. Cabe destacar também que o seguimento das regras existentes durante o referido ritual favorece ao indivíduo a regeneração necessária para a sua estabilidade física e espiritual.

3.4 Resguardo pelo acontecimento do falecimento de filho

Para não correr risco de perder o filho recém-nascido os pais fazem todo o processo de resguardo. E se contrariarem as regras de resguardo, como por exemplo, ter relações sexuais com o (a) parceiro (a) ou com outra pessoa, os mesmos têm maior chance de perder o outro filho.

Quase toda hora os pais banham de água quente em local adequado e isolado da convivência social. Só se alimentam de água quente e *makaloba*. Salienta-se também, que quando morre o bebê, os pais e toda a sua família mais próxima cortam todo o cabelo, e queimam os seus objetos e a sua moradia (maloca).

3.5 Resguardo motivado pela decorrência de doença ou de acidente grave

A pessoa que sofreu de doença aguda ou de acidente grave fica de resguardo para renovar a sua força física e espiritual, e não sofrer mais daquele acontecimento. Como ressaltado anteriormente, a pessoa que sofreu de doença ou de acidente, também fica em reclusão, respeitando toda sua regra, banhando de água quente, bebendo água quente e *makaloba*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preservação das práticas culturais dos *Paiter Suruí* é muito importante para a parcela da nossa população constituída por crianças e jovens do momento atual e para as futuras gerações conhecerem. Nesse sentido, como um dos costumes fundamentais, os resguardos tradicionais, são de extrema importância como tema a ser estudado nos estabelecimentos de ensino. Pois, além de ressaltar o significado da tradição de reclusão, oportuniza às crianças e jovens indígenas a prevenção de doenças, como diarreia, dores no peito, barriga d'água, gastrite, verrugas e aparecimento de barrigão e ainda recuperar sua força física e espiritual. Portanto, é necessária a inclusão desse tema e sua discussão profunda nas escolas indígenas, uma vez que, isso promove a revitalização do respeito dos alunos indígenas proporcionando uma melhor compreensão relativa aos conteúdos vinculados a esta temática, que irá proporcionar um conhecimento maior destas novas gerações *Paiter Suruí* no tocante à preservação das nossas práticas culturais ancestrais.

Nesse sentido, a escola desempenha um papel fundamental ao tematizar esse assunto “resguardos tradicionais” para debater e estudar com o intuito de compreender processos ritualísticos, dando oportunidade aos mais velhos para repassar seus conhecimentos tradicionais, trazendo os anciões para a escola com essa finalidade onde os mesmos se sentirão valorizados e respeitados pelas gerações mais novas.

Este trabalho irá contribuir com a comunidade *Paiter Suruí* em relação ao fortalecimento das práticas de resguardos do povo *Paiter Suruí* para prevenir doenças e alterações exageradas no corpo e vigorar a saúde corporal de um indivíduo *Paiter Suruí*.

REFERÊNCIAS

CARDOZO, B. Ivaneide . **Etnozoneamento Paiterey Garah:** terra indígena Sete de Setembro. Porto Velho, RO: Kanindé - Associação de Defesa Etnoambiental, 2011. Páginas 5 e 6. Disponível em: - http://img.socioambiental.org/d/225931-1/paiter_5.jpg. Acesso em 01 de fev. de 2016.

MEIRELES, **Apoena-** https://pt.wikipedia.org/wiki/Apoena_Meireles. Acesso em: 01.02.2016)

RCNEI - **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: RCNEI/Secretaria de Educação Fundamental/MEC, 2002.

UOL. Disponível em; http://n.i.uol.com.br/noticia/2011/09/14/terras-indigenas-sete-de-setembro-uma-area-de-aproximadamente-250-mil-hectares-entre-o-sudeste-de-rondonia-e-noroeste-de-mato-grosso-1316030810660_300x300.jpg. Acesso em 01.02.2016.

CONSULTORES NATIVOS

José Itabira Suruí;

Sandra Itxayed Suruí;

Weitã Suruí;

Nema Suruí.